ANO 3.º — N.º 154. Guimarãis, 13 de Janeiro de 1935. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

O nosso aniversário

Vai há três anos!

A ideia surgira-nos e quisemos abraçá-la com entusiasmo, com esperança, com fé, vendo sempre ao nosso lado o lábaro bendito da nossa Terra, desta Terra que hoje, como ontem, nos impõe o dever de a defendermos como a souberam defender os nossos antepassados.

Não meditamos, sequer, nas dificuldades e nos sacrifícios, era preciso lutar e nós viemos para a luta, para esta luta honesta, para êste movimento bem intencionado — para a defesa dos interêsses de Guimarãis.

Soltamos um grito: «Por Guimarãis!» e o ambiente foi franco, animador.

Iniciamos a marcha, tivemos de combater mas, mesmo nos momentos mais delicados, não recuamos um passo só.

Soldados ao serviço duma causa — causa nobre e justa que é preciso vencer-se — não temeremos nunca os ataques dos malsinadores nem as críticas mesquinhas daqueles que, nada valendo, só se preocupam com a vida alheia e passam os seus dias a urdir a discórdia entre a família vimaranense.

Nós seguimos sempre, guiados pelo mesmo estandarte e animados do mesmo entusiasmo de há três anos, com o mesmo ardor bairrista. Não nos temos cansado e jàmais nos cansaremos de agitar questões, de apontar êrros, lacunas, *crimes* até, só para que o nome desta nobre e linda Guimarãis não seja mais esquecido, desprezado, como lamentàvelmente tem sido, com mágua o constatamos.

Em três anos de existência, o nosso jornal não fêz muito, bem o sabemos, mas fêz alguma coisa. Não receamos afirmar que, modesta embora, a nossa acção se acentuou mais que a de muitas pessoas que tinham por dever bem servir esta terra.

Não queremos com esta afirmação ferir susceptibilidades, mas apenas deixar expresso neste despretencioso artigo o quanto lamentamos que nem todos saibam trabalhar em prol dêste desprezado rincão que foi o bêrço da Pátria Portuguesa.

Se por vezes as nossas campanhas atingem uma certa gravidade, a culpa não é nossa mas sim daqueles que ainda não compreenderam ou que, por facciosismo, não querem compreender, as nossas intenções. Nós interpretamos o sentir da opinião pública, fizemos êste jornal para ela, para o povo, e bem sabemos o que êsse povo pensa, sabemos das suas necessidades, das suas aspirações e, também, infelizmente, das suas máguas...

Baseados nesses conhecimentos, combatemos.

Não nos movem outras intenções.

Trabalham nêste jornal pessoas de todos os credos, homens de tôdas as posições, que têm sido os verdadeiros pioneiros desta obra.

Para êles vão, nêste momento, as nossas saüdações mais afectuosas, os nossos agradecimentos mais sinceros.

Que o «Notícias de Guimarãis» tem cumprido fielmente o seu lema, di-lo a nossa própria consciência e — pode afirmar-se — dizem-no os vimaranenses, todos aqueles que nos lêem e nos têm dado o seu valioso apoio. O resto — as críticas, os ditos — não nos interessa.

Procuraremos, no futuro, continuar a manter as nossas atitudes, servindo uma terra inteira, sem atraiçoar aquelas palavras que foram o nosso lema e são a razão única da existência dêste jornal: « **Por Guimarãis! Para Guimarãis!**»

Lutaremos hoje como ontem, ámanhã como hoje, norteados pelo mesmo padrão que é a bandeira da gloriosa Vimaranis e com a convicção de que alguma coisa de útil fazemos pelo seu progresso.

Não nos esquecerão os humildes, não olvidaremos as necessidades mais urgentes, não nos passarão despercebidas as freguesias rurais.

Agitaremos sempre o mesmo pendão e bradaremos sempre, sempre:

Por Guimarãis! Pela Nossa Terra!

POEMA

Moinhos de vento,
À-vêr-o-Mar!
No pensamento
A Póvoa de Varzim!

Ondas que vêm desmaiar
Junto à praia...
Junto a mim.

— Maldita seja a onda
que monda
A vida do pescador.

Barcos ao longe,
Longe do Mundo...
— Longe do perigo.

Mar amigo,
Mar calmo...
Além,
O Barco do Caetano,
Segunda Branca Flor,
A' nossa vista
Não tem mais que um palmo.

.....

Mais ao longe
Vem
Alguém,
No «Cupido»,
(Recordando o Amor...)

Os barcos à vela
Que distantes...

Muito ao longe,
Longe do mundo...
Longe do perigo...

Olhai aquele
Mais veloz que um raio!

A protegê-lo
O Senhor dos Navegantes.

— E àquém,
De sentinela
Os olhos vigilantes
Do «Cego do Maio»...

E diz o meu filhinho
Ao ver
O «cego»
Sempre a olhar
Pra o Mar:
— Paisinho,
O Cego do Maio
Era mesmo ceguinho?

.....

E eu pus-me a pensar
Na pregunta do meu filho,
Na segunda Branca Flor,
No Cego do Maio,
E na onda
Que monda
O pobre pescador.

JOÃO NETO.

Póvoa de Varzim
1934

Cinqüenta anos depois!

Sob a mesma epígrafe, o ilustre prof. da Escola de «Francisco de Holanda», ex.mo sr. Mário de Souza Menezes, naturalmente interpretando o sentir do seu digno Corpo docente, faz, em artigo de fundo do «Notícias de Guimarãis» n.º 153, suscinta mas claramente, a história daquêle estabelecimento de ensino, prestando-lhe assim, patriótica e *devida* homenagem no quinquagenário da sua fundação.

Devida homenagem, sem dúvida, porque: é *dever* de todos nós, vimaranenses, de todos aqueles que anceiam pelo progresso, infelizmente arredio, da nossa injustamente esquecida Guimrrãis, fazer, em sua prol, por tôdas as formas, vibrar o coração e acordar o sentimento bairrista, ainda por ventura adormecido, daquêles dos seus filhos que mais podem trabalhar pelo seu engrandecimento e que, sem o desejarem nem o pensarem sequer, mais contribuem, por vezes, para tam desolador esquecimento.

Muito bem, pois, meu estimado amigo! E, permita-me que às suas criteriosas considerações, eu, neste momento, juntando à sua a minha humilde voz, em preito, igualmente, da mais viva e sentida homenagem à veneranda Escola, acrescente, em conversa amiga, algumas palavras de divagação, embora desataviadas e, certamente, sem repercussão alguma no íntimo dos conterrâneos amigos, a quem, afinal, vão endereçadas, os quais, em primeira mão e mais directamente, lucrariam da eficácia do ensino ali professado. Quero referir-me aos senhores industriais.

Antes porém, o aluno *mais novo* (e do grupo dos *mais velhos*) da querida «F. de Holanda» amàvelmente visado no primoroso artigo de fundo, em expressões que mais traduzem a fôrça da Amizade do que a razão da Justiça, agradece, ao seu ilustrado autor, reconhecidamente a sinceridade com que as reveste.

Tais expressões, só podiam nascer da excessiva generosidade de um inteligente e modesto professor de Guimarãis — ex.mo sr. Mário de Souza Menezes.

Posto isto, vamos às divagações:

Nos países da Europa, onde as Escolas Técnicas *«são o que devem ser»*, não é só o Estado a curar dos seus destinos. Os industriais, em geral, prestam lhes, *particularmente* rial e insistente auxílio.

«As dificiências das suas organizações», quando as há, vão desaparecendo pouco e pouco, em presença da assistência constante de individualidades preponderantes no comércio e nas indústrias daquêles países, em colaboração com o Estado.

Entre nós, o Estado vai fazendo o que pode a favor do nosso ensino técnico, e faculta-nos, nêsse caso *oficialmente*, o meio de interessar nele, quem mais se deve interessar. Há, por exemplo, no Decreto 20 420, de 20 de Outubro de 1931, uma disposição que se me afigura do maior alcance, pois habilita os Directores das Escolas técnicas a ouvir sôbre o *progresso das suas escolas e àcêrca do futuro dos alunos* **«indivíduos de prestigio local»**, nomeando-os como colaboradores de uma Comissão estabelecida para aquele fim.

Segundo esta disposição, parece-me, muito se poderia fazer.

— Que dizem a isto os meus bons e poderosos amigos, srs. industriais da minha terra?

— Porque não *exigem* que, pelo menos, os aprendizes das suas fábricas freqüentem a Escola Industrial?

— Porque não lhes garantem um aumentosinho de salário, após a conclusão do seu curso?

— Porque não visitam a nossa Escola?

— Porque não dizem sinceramente, lealmente, àcêrca da orientação do seu ensino?

— Porque, finalmente, não a auxiliam moral e materialmente?

Lá têm as suas razões, mas, por certo, não são razões de pezo.

E' natural que alguem, mal intencionado, já se vê, me pregunte:

— E que tem você com a Escola Industrial? Trate lá dos seus deveres na Escola onde está, e deixe-nos em paz...

Respondo: *directamente* nada tenho, porquanto, o seu actual Director, Artista de reconhecido mérito a quem muito considero, e o seu ilustrado conselho escolar, são garantia mais que suficiente da satisfação dos desejos dos vimaranenses.

Como vimaranense, porém, **tenho tudo**; e, nesse caso, é meu dever facilitar, quanto em mim caiba, a acção dos seus dignos dirigentes, para que aquela satisfação, de cuja demora não são culpados, se não eternize.

* * *

Pelos jornais tive conhecimento de que o meu prezado amigo sr. José Jacinto Júnior fizera à Escola de «F. de Holanda» uma oferta de livros.

E' muito? E' pouco? Não sei. Sei, porém, que é o bastante para, enchendo-nos de alegria, nos trazer a esperança de novas dadivas e, sobretudo, para nos abrir, com aquele nobre exemplo, amplo caminho para melhores dias.

A falta de auxílio particular provirá da falta de réclame? Talvez.

Lá fora, no estranjeiro, a propaganda sôbre o ensino é bem maior que a nossa; faz-se intensamente, chegando certos países a levar aos outros em variados estudos, exposições promovidas pelas suas Escolas.

Ainda há bem pouco tempo a Checo-Eslovaquia efectivou aqui, em Lisboa, uma exposição de trabalhos escolares demonstrativos de vários ramos do seu ensino.

E, por sinal, **em nada superiores aos nossos,** em minha opinião. Repito portanto: lá fora a propaganda é muito maior.

E' certo que, ùltimamente, se nota mais interêsse do público pelo nosso ensino técnico, o que justifica o aumento sempre crescente, de matrículas nas nossas Escolas.

Julgo que um dos réclames com que devemos contar é, na verdade, o das *exposições*.

O conselho escolar da «Afonso Domingues», onde presto os meus fracos serviços, assim o entende também, resolvendo, por unanimidade, festejar solenemente as *bodas de oiro* desta Escola — porisso que, como a sua irmã de Guimarãis, alcançou, igualmente êste ano, o seu quinquagenário — com a realização duma grande exposição, nas próximas férias da Pascoa, na qual devem figurar alguns trabalhos de desenho, modelação, etc. de entre os mais representativos dos métodos seguidos nesta Escola, desde o seu início até hoje.

E,... a propósito: não seria interessante aproveitar-se a oportunidade para se organizar aí identica exposição?

Mostrar-se-ia num conjunto sugestivo, ao povo de Guimarãis, o trabalho concernente às diversas fazes do ensino dessa Escola.

Desde os desenhos de estampa tracejados em 1884 e 1885, a crayon, de aspecto litográfico, e das aguadas minuciosamente recortadas do prof. Wagner; desde os desenhos de máquinas, de Swartz, até aos últimos trabalhos dessa disciplina; desde as copias do gesso, a dois lápis, aos desenhos do natural, actualmente decretados em programas, que deliciosa exposição!

Que regalo para os olhos e que lição para a inteligência!

Mas... isto já vai muito longo e eu não tenho o direito de abusar, não da paciência do leitor (êsse está no seu direito plenissimo de não me lêr, e tem razão) mas do Director do «Notícias» que não pode dispor de espaço para divagações... inuteis.

Que êle me perdoe e eu lhe prometo não voltar aqui tam cedo.

ABEL CARDOZO.

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Inquérito á acção do NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Tendo passado, no dia 11, o 3.º aniversário da fundação do "Notícias de Guimarãis,, e desejando conhecer a opinião dos nossos prezados leitores sôbre a orientação impressa ao nosso jornal, vimos promover êste inquérito que, estamos certos, será mais uma afirmação de amor-bairrista e carinho por esta vetusta Guimarãis.

O que pensa o leitor sôbre a acção do "Notícias de Guimarãis,,?

N. R. *Como não nos foi possível publicar esta semana o número com que desejamos comemorar o nosso 3.º aniversário, continuamos aguardando respostas a êste inquérito até ao dia 16 (terça-feira).*

o amor da terra nos assoberba, só a sua política defendemos e só os seus interêsses servimos. Dentro dêste jornal escreve toda a gente de bem, desde o monárquico ao republicano, e do católico ao materialista. Não se defende A ou ataca B — repetimo-lo ainda uma vez, para que o saibam os leitores, que, no dizer do tezo, são amigos da situação —, e se o nosso *regionalismo é absorvente*, ouça o valente informador que muitos aplausos temos recebido de vimaranenses «duma só fé e dum só querer», que, não por cartas mas pessoalmente, têm vindo até nós felicitar-nos pela acção em pról de Guimarãis.

A nossa divisa é única desde que o periódico se publica:

Aplaudimos e fazemos justiça — sem quebra de ideal — a todos aqueles que bem merecem da gente desta vetusta cidade.

LÊFÊCÊ.

Esquema semanal

ROOSEVELT E OS ESPECULADORES

Roosevelt é um democrata na acepção do termo.

Profundamente conhecedor, político de carreira e senhor de todas as modernas teorias da arte de bem governar povos, tem sabido manter-se à altura do cargo que vem desempenhando, muito embora uma pequena minoria dos seus concidadãos o guerreiem e lhe ponham entraves.

Em 4 do corrente, Roosevelt veio dar contas do seu govêrno ao Congresso, lendo a chamada menságem presidencial.

Escrita com a mais larga visão, concludente e precisa, o Chefe de Estado Norte-americano soube rasgar o sonho que acalentava essa minoria, quando se propõe a rever o sistema de socorros e a assegurar os meios de subsistência dos trabalhadores. Ele próprio, cidadão ìntegro, auxiliará todas as localidades a suportar os encargos resultantes. Disse que o povo americano abjura da acquisição da riqueza por meio de lucros excessivos. E, depois de dar à palavra *ordem* a finalidade defenida de justiça social, terminou por avisar os especuladores e os seus partidários para que pensem bem, antes de entravar a marcha da nação para a frente, como se fôsse do seu conhecimento o adágio que diz: «quem aconselha teu amigo é».

A VERTIGEM DA VELOCIDADE

O grande aviador Codos anunciou ao mundo que as viágens futuras poderão ser feitas à média horária de 500 km.

¡¿Que outros mistérios nos serão reservados pela navegação aéria?!

A CURA INFALÍVEL DO CANCRO?

O Presidente da Universidade de Lowsiana também comunicou ao mundo culto a descoberta da fórmula infalível para curar o cancro, anunciando que dentro de pouco tempo a Humanidade deixaria de sofrer os seus terríveis efeitos.

Será assim? não será?

Contudo, tudo o que debele o terrível mal é aproveitável e humano.

A UM TEZO

Dos muitos tezos que vegetam por esta terra, houve um que revelou a sua fôrça e tezura ao enviar a certa gazeta de Lisboa um recorte do nosso jornal, numa denúncia que nos põe de sobreaviso e que bem demonstra a corágem do pulhastras que nem sequer o nome assinou.

Dissemo-lo e repetimo-lo: nem «farruscos» nem «vermelhuscos». Aqui, só

RECTIFICAÇÃO

No artigo «Cinqüenta anos depois!» do nosso prezado amigo, sr. Mário Menezes, saíu errada uma data, a que se refere à inauguração da disciplina de Desenho, que foi inaugurada em **14 de Janeiro de 1885** e não em 14 de Dezembro daquele ano, como, por lapso, veio publicado.

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS,, vende-se

Em Lisboa: na Agência H. da Costa Lima — P. dos Restauradores, 13-3.º-D.

No Pôrto: nos quiosques: Suisso — R. Sampaio Bruno, 8; **Camanho** — R. Sá da Bandeira; **Cristal** — R. Sá da Bandeira.

Em Guimarãis: no quiosque do Toural.

Espinhos e acúleos

I

Amor que teime e persista
Não descer ao rés-do-chão,
Saiba que «longe da vista
E' longe do coração».

II

Homem gasto e já velho
Terá de se conformar
C'o a vida. Atenda o conselho:
«Quem andou não tem p'ra andar»!

III

Se o esbanjar te fica bem,
Mais o dinheiro te enfarte:
«Quem gasta mais que o que tem»...
Ou é tolo ou não tem arte.

IV

Por causa do teu receio
Sofri muitos desenganos;
Como a vingança é um meio,
«Largos dias têm cem anos»...

V

«Máu é dever que o pagar
E' certo» — Está bem de ver
Que quem não puder saldar
A conta, fica a dever.

VI

«Quanto pezas, quanto vales» —
Dizer-to jàmais o quero;
Abre a bôca, mas não fales,
Já que o teu valor é — zero.

VII

Nunca queiras conhecer
Aquele que bem te louve;
Terás de te arrepender:
«Quem escuta de si ouve».

L. Coelho.

COISAS & LOISAS

RESPOSTA AOS SRS. CLARO & LEITE

Como foi nesta secção que *desencantei a moira*, relativamente à estrada da Corredoura, como disse o sr. José Gomes, é aqui, também, que venho responder à segunda entrevista que o sr. Domingos Claro concedeu ao sr. Manuel Leite. Principio por lamentar a repetição da primeira infelicidade, pois que, afinal, a nova entrevista é uma nova decepção, é uma nova *tirada* infeliz!... Talvez por conveniência — porque é assim que costuma proceder quem não está senhor do seu papel — o sr. Claro não descreve, com precisão, o traçado primitivo da estrada, no qual inclue, erradamente, o lugar de Via-Cova, de onde se depreende que o mesmo sr. já idealizou novo projecto, em prejuízo do primitivo — aquele pelo qual disse **fazer questão.** Ora, isto não está certo, a não ser que o sr. Claro queira brincar com quem já não é menino. Perante tanta confusão, uma só coisa fico a saber de novo: Que o sr. Claro, *pai* do primeiro traçado, não hesita em atraiçoar o *filho*, desviando o uns 3 quilómetros a fim de dar, com certeza, todas as facilidades à Câmara e de pôr de parte o... **«faço questão».**

Se o fim fôr êste, Deus lhe perdôe as culpas do passado!.. No entanto, a *turva* entrevista não me imbe de fazer mais algumas considerações sôbre as vantagens do novo traçado e as desvantagens do primimitivo, uma vez que isto prometi.

De entre as desvantagens do primitivo traçado bastará mencionar aquelas que provinham dos prejuízos causados a algumas quintas, inutilizando a produção de bastantes carros de milho, tão necessário ao consumo dos pobres, com a agravante de aumentar em centenas de contos a despesa do Município. Por outro lado, era prejudicado o próprio lavrador, que gastaria mais tempo na condução de mato, de cereais, de lenha, etc., para a casa dos seus senhorios, assim como para o mercado. Emfim, todo o transporte que tivesse de ser feito pela estrada prejudicava — em vez de beneficiar — em virtude da grande volta que aquela dava desde as Quintãs de Rendufe até ao lugar dos Moínhos do Outeiro, preferindo os lavradores seguir o caminho das Quintãs, Cancela de Paula à Corredoura, caminho êste que se encontra bem conservado, visto que a Câmara paga a um cantoneiro para olhar pela sua conservação.

Quanto às vantagens do novo traçado, mencionarei, de entre outras, as seguintes: Prejudica pouca terra de cultura, porque segue quási ùnicamente por terreno montanhoso, cedido, de bom grado, pelos proprietários — excepto pelo sr. Claro. Portanto, lucra o Município, lucra o lavrador e lucram também os habitantes dos lugares do Outeiro, Lombrezido e Igreja à Castanheira. Pelo facto de mencionar êste último lugar, não quere isto dizer que *mudei o bico ao prego*. Não; sòmente quero chegar à conclusão de que sendo os pontos principais os lugares das Quintãs e da Igreja de Rendufe, claro está que se depreendia que a estrada seguia à Castanheira e não à Cruz de Lustoso.

Os srs. Claro & Leite devem saber que para ela ir à Cruz de Lustoso, teria, em primeiro lugar, de ser levantado o respectivo traçado e de ser submetido à aprovação da Câmara e do Govêrno, para se conseguir a comparticipação do Estado. Não será assim, srs. Claro & Leite? Estão a compreender-me ou será necessário indicar mais detalhadamente o que deseja o povo de Rendufe? Mas eu cheguei à conclusão de que o lugar de Alvelhe é o ponto principal da questão. Aquela pocilga, sr. Claro, que não deixa ligar a estrada e aquela sua frase do **faço questão** são os principais *elementos de discórdia*, que o sr. procura agravar com o seu *poder feudal*, criando dificuldades em vez de as fazer desaparecer. Sôbre êste ponto, isto é, sôbre as vantagens ou desvantagens da interferência do sr. Claro no caso da estrada, ninguém melhor do que o sr. Manuel Saraiva Brandão podia *desmascarar* aquele senhor, o único responsável pela não ligação da referida estrada no lugar de Alvelhe.

Se o sr. Saraiva Brandão quizesse saír do silêncio em que se tem conservado, o assunto já estaria suficientemente esclarecido, assim como a teimosia do sr. Claro. Quanto ao lamaçal da Quinta da Torre, acautelem-se os srs. Claro & Leite, quando à mesma Quinta forem buscar mais *inspiração* para futuras entrevistas. Nem eu nem a pessoa que me tem informado — pessoa que diz a verdade e que é honesta e digna — temos receio de escorregar na lama da Quinta do sr. Claro, porque não queremos *envenenar* as solas dos nossos sapatos. E para não perder muito tempo, uma ligeira *autópsia* a mais uma das afirmações do sr. Claro. Diz êste sr. que quem dá tem direito a receber. Se bem que nem sempre assim seja, suponhamos que disse a verdade, mas o que é certo é que o sr. Claro esqueceu-se daquele prometimento que fizera quando o sr. dr. Rocha dos Santos, então presidente da C. A. do Município, e o sr. Saraiva Brandão, nessa altura vereador, lhe deram a subida honra de se reünirem, juntamente com as juntas de freguesia de Rendufe, Atãis, S. Torcato e outras pessoas de respeitabilidade desta freguesia, no seu *palacete*.

Diga, sr. Claro, diga tudo e não tenha receio de afirmar que, depois dessa ocasião, transformou a sua atitude, esqueceu-se, até, da recompensa que recebeu — aquele caminho público que *fechou*, tentando prejudicar o Arquitecto sr. Ferreira. Mais ainda, sr. Claro: Qual a razão por que principiou a contrariar a ligação da estrada no lugar de Alvelhe, sòmente depois de ter comprado a *pocilga* que impede, actualmente, essa ligação e pela qual o sr. pretendia uma quantia superior ao seu valor?!

Se a isto se pode chamar uma *concessão de facilidades*, então, sr. Claro, estou plenamente de acôrdo consigo e acho muito bem a sua lógica, própria de quem se arvora em *senhor absoluto!*... E agora, sr. Leite, que prometeu não voltar a falar no assunto, olhe bem para a sua consciência e verá que ela o aconselha a fazer justiça àquelas pessoas que não pensam como o sr. Claro, no que diz respeito à estrada da Corredoura. Eu, que já cumpri o meu dever, fico excelentemente substituído pelo sr. José Gomes, que melhor do que eu deve conhecer o assunto. Entrego-lhe, pois, o sr. Claro, no caso de estar disposto a aturá-lo. De resto, a actual C. A. Municipal resolverá o assunto como entender, mas o que não deve é deixar de providênciar sôbre a ligação da estrada no lugar de Alvelhe, continuando-a até onde fôr possível.

OS DOIS LADOS DA MEDALHA...

Há coïncidências fatais!

Quando, no dia 5 do corrente, me encontrava no Café Oriental a ouvir a rapsódia — "Festas em Guimarãis", interessante composição musical da autoria dos srs. M. Ramos, director da Orquestra Lusitânia, e António Guise, senti a alegria do passado desta terra, na ocasião em que a referida Orquestra tocou o hino da cidade, hino consagrado ao Progresso e à vida de Guimarãis. Porém, esta agradável impressão imediatamente foi contrariada por uma outra trazida a público por um grupo de indivíduos, que, a pretexto da Festa dos Reis, executaram, no mesmo café, um programa de justa e sensata crítica ao atrazo desta terra, tão merecedora de mais atenções. Essa crítica principiava pelos seguintes versos:

"Esta Guimarãis, vèlhinha,
A não ser o futebol,
Tem andado, coitadinha,
A passo de caracol..."

Como se vê, foram duas impressões antagónicas, sendo a verdadeira, infelizmente, a última.

E agora, pregunto: Quando será feita a devida justiça aos Vimaranenses? Oxalá ela não demore, para honra e glória de todos.

Pipi.

LOUVÁVEL ATITUDE

O sr. Director do "Notícias de Guimarãis" — semanário que completou o 3.º ano da sua existência, em 11 do corrente, pretende duas palavras sôbre a orientação do referido jornal. Esta resolução deve merecer o bom acolhimento de todos aqueles que estejam habituados a fazer justiça, os quais, neste caso, outra afirmação não podem fazer se não esta: — O "Notícias de Guimarãis" tem-se preocupado, apenas, com a defesa dos direitos e regalias que esta terra deve ter, direitos que não têm sido respeitados e regalias que não têm sido satisfeitas. Afirmar o contrário seria desvirtuar a verdade, porque, de facto, o "Notícias" tem sido orientado no sentido de travar uma luta intensiva em benefício do progresso de Guimarãis. Mas, como sempre aparece quem desdenhe, eu não me admirarei se ouvir dizer que sou *suspeito*, quanto à minha opinião, sòmente porque me consideram um amigo do jornal, ao qual tenho dispensado o meu insignificantíssimo auxílio, *rabiscando* umas *larachas*, sem literatura e sem elegância, próprias, enfim, de um irrequieto, mas justiceiro *Pipi*.

"Citânia"

Sua etimologia?

(Continuado do n.º 153)

As *calas*, tão freqüentes na toponímia espanhola (Calatrava, Calahorra, Alcalá) e na portuguesa Cale, em inúmeros lugarejos, é o *caer* céltico, de onde vem carl, o forte, o alto; e por mutação do r em le *cael* e *gael*, montanha e vale. A origem dêste *caer* ou *gael*, parece ser o gal hebraico, que igualmente significa acervo, montanha e corrente de água. (Caleiro, assacal, etc.)

Os castros e suas variantes, crasto, crastelo, castelo, etc., vêm do grego *Krateô*, dominar, ou de *Krato*, lugar elevado, o forte, o cabeço. Vêm certamente de sânskrito, *cartha*, que com as variantes de Certa (a Certan?), Cirta, Ker, Kaer e Gherd, se encontram na toponímia geral, designando lugares altos e fortificados.

Da mesma *cirta*, pela queda do r, vem *cità*, *cité* e cidade, cividade e o diminutivo cidadela e cidadelhe, havendo porém quem diga que cidade ou cividade, vem de *hic vivunt*, lugar de residência. Em Portugal *O Crato*, significa a fortaleza.

As coroas, vêm do grego *Ker*, ou *Kara*, cabeça; e de Ker, circundar. As coroas são os cabeços dos montes.

As *Mirandas* vêm de *admirare*, olhar para o alto, e por isso as Mirandas em Portugal e Espanha estão tôdas sitas em alturas.

As palavras *din*, *dun*, *dunia*, *e dur* significam, em céltico, lugar alto e fortificado e também lugar baixo e corrente de água. E' muito possível que entre o céltico *din* ou *dun* altura, fôrça e o grego *din dyné*, fôrça, poder, haja um certo parentesco. Tanto mais que em grego dynô, também significa caír, baixar, ir para o fundo.

No hebraico as palavras *din*, e *dun*, (*d* fortemente dental), significam reger, dominar; e bem assim sede de tribunal, fórum. Na Palestina há vários oppida, com o nome *Dun*.

No mesmo hebraico, *dur*, significa circunvalar e bem assim povo, povoação, urbs.

Este *dun*, emigrando para a Ibéria passou para o Céltico, e daqui para a Gália com a forma de Lyon, contracção de Lug-dunum, isto é *corvi collis*, colina ou monte do corvo ou curvo; e ao inglês *the town* (tee taune) a cidade ou a praça forte. Nos nomes próprios encontra-se Duncam, *Dun-kan* o rei das dunas ou das montanhas; e Dunstan, *duns-tane* o senhor das dunas, etc.

Estabelecido e assente como está que a palavra *Citânia* sòmente em Portugal se aplicava à povoação pre-romana de Briteiros, e daqui se generalizou a outros lugares idênticos, pode admitir-se que *citânia* é topónimo muito antigo, embora na terra de Guimarãis tal nome se não encontre nas inquirições, mas apenas um Cidiaens, que se lhe aproxima; e Sitiaes, em Coímbra.

Chamo porém a atenção para os seguintes pontos que me parecem interessantes: Havia, antigamente, entre Douro e Minho, a comarca de Britónia, que uns localizam em Viana do Castelo, outros em Ponte de Lima (Britiande?) e talvez em Ponte do Prado, pois *Bright town, (Braitaune)*, que se parece muito com Britiande, e Britónia significa Vila da Ponte.

A palavra *Brit*, também significa altura, como em *Britania*, terras altas, ou Albion, com a mesma significação. Brit, radical da palavra *Bretão*, vem de *bright*, que significa brilhante, luzente, vistoso, pintado, porque os *bretoens*, quando iam para o combate tingiam o corpo com côres variegadas, como alguns selvagens da América. Além disso a palavra Briteiros, antigamente Britairos, e Citânia andam ligadas, Britairos, *parece* corrupção de *Bright-hairs*, de cabelos luzentes ou loiros.

¿Seriam os habitantes da Citânia e de Briteiros, de cabelos louros, em contraste com os escuros dos demais habitantes convizinhos, e, assim a Citânia de Briteiros *the town* brigth-*hairs*, significaria a vila dos ruivos ou suevos?

Se porém esta etimologia não foi julgada a gôsto do cliente, podemos dizer com seguro fundamento que *Briteiros* ou *Britairos*, se pode decompor em *Brit*, alto e *air*, monte, de onde a Citânia de Briteiros será a vila (acastelada) de Montalto, interpretação que convém perfeitamente ao local.

Quanto ao mais, não há dúvida alguma de que *Briga*, Oppidum, Castrum, Burgo, Castellum, etc., designaram primitivamente um ponto elevado; depois a povoação aí formada e, finalmente, o território dela dependente, exactamente como hoje a côrte e o concelho, designam a cidade onde está o govêrno e a jurisdição do município, e não sòmente a sua sede.

Ainda a respeito de *Citânia* não se deve ocultar que, antigamente, em Portugal se chamou *Acitano*, Acitano e Assistério, aos conventos ou mosteiros, particularmente os de freiras.

Não há porém probabilidades de que, em tempos remotos, na Citânia tivesse havido um mosteiro de que tirasse o nome. E, sendo assim, temos de nos contentar com o radical *dun* ou *town*, para o explicar.

Não me repugna acreditar que estes Acitanos, com a significação de residência, ou lugar de habitação, seja corrupção de *the town*. Todavia, se estes termos vêm de assistir, residir, isto é *sedere*, tem a mesma significação de *the town*; e se como querem outros vêm do topónimo francês Citeaux, lugar da sede da ordem de Cister, também êste Citaux vem de Cità, praça forte e eaux, águas, villa ou cidade das águas. (Cf. Cm City e Cité, cidadela, lugar alto e defendido).

E' isto que eu desejava dizer a V. Ex.ª sem pruridos de cortador de nós górdios nem de Oedipo, porque, felizmente, na minha idade, apesar de já bastante avançada, nunca senti inchados os pés.

Podendo V. Ex.ª fazer desta lenga-lenga o uso que melhor lhe convier, subscrevo-me, de V. Ex.ª, com a maior consideração e muita admiração.

Camarada dedicadíssimo
A. Strecht de Vasconcelos.

Crónica Desportiva

Na Final do Campionato Alberto Augusto, treinador do Vitória — O grupo vimaranense e a solidariedade dos clubs que a esta cidade se têm — — — deslocado — — —

A vergonha do Campionato Distrital terminou com a vitória do favorito bracarense, "Sporting", após as maiores tropelias cometidas pela A. F. Braga. Torcida toda a verdade, cuspidas a imbecilidade e a desfaçatez dos dirigentes do Desporto Distrital, o *Sporting Club de Braga* arrancou o sua vitória de Campião, queimados os foguetes do estilo e ouvidos os acordes das músicas paisanas.

O resto não conta: castigos a jogadores dos clubs do distrito que foram provocados pelos *players* do "Sporting"; interdição de campos; multas de organisação que se consideram autênticos roubos (sabido que nem no Pôrto, Coímbra ou Lisboa atingem essa cifra quaisquer boas organisações); árbitros espancados; vitórias feitas num último apêlo e forjadas as grandes penalidades; insultos e doestos; finalmente, os campos funcionando ilegalmente, embora apresentados os respectivos protestos.

Salvé, Campião da Secretaria da A. F. Braga! Salvé! Salvé!

*

Tomou posse do cargo de treinador do "Vitória" o velho jogador internacional de foot-ball, sr. Alberto Augusto. De conhecimentos técnicos muito vastos, com soberbas qualidades de disciplinador e duma proficiência invulgar, estamos certos que o desporto vimaranense muito terá a lucrar com os seus autorizados conselhos e ensinamentos, e também de que o *foot-ball* há de impôr se em todo o distrito.

Alberto Augusto é um "virtuose" da bola, e, como tal, merece a nossa estima e a nossa admiração.

As nossas veementes saüdações.

*

Em face da mesquinha atitude da A. F. de Braga, para quem a vergonha entrou ali e parou, a Direcção do "Vitória" resolveu dirigir-se ás direcções de todos os clubs que visitaram a cidade de Guimarãis, solicitando-lhes o favor de emitirem as suas opiniões àcêrca da maneira como foram recebidos pelos jogadores do "Vitória" e pelo público desportivo desta cidade.

As respostas vão chegando e todas são unânimes em declarar que gratas recordações levaram os visitantes desta terra, incluindo-se nêste número alguns clubs bracarenses, elogiando desassombradamente o desenvolvimento desportivo do meio vimaranense e a sua educação. Ao "Sporting de Braga" também foi formulado idêntico pedido — esquecidos os agravos que os vimaranenses haviam sofrido e pagaram com juros. Pois, senhores: os directores do Campião da Secretaria da A. F. Braga, não só se manifestam em discordância com o ofício que enviaram quando paparam um jantar ao club vimaranense, mas também esvurmem ódios contra a nossa terra, que, em sua opinião, é uma selva onde livremente passeiam feras!

Intrigam, esquecem os nossos próprios agravos e jesuìticamente misturam alhos com bogalhos, num instituto de defêsa tão

FOLHETIM

NUELAM MYRIAM

(Fantasia oriental em 1 acto e 3 quadros)

Por

Conde de Montemór.

III

NUELAM — E' a canção de Agnara. (Azyiadé surge como um felino familiar). Calça-me as babuchas que quero bailar.

(O seu corpo principia a ondear. Como se fôsse a sombra de Agnara, Adalil imita-a. Nuelam tomba, depois, sôbre a otomana, entontecida, e as bailadeiras entram com os mantos a esvoçar. Semelham ibis voltejando).

NUELAM — Agnara, Agnara! Quero ouvir de novo a tua história. Vem, de mansinho, vem-ma cantar.

(Ao mesmo tempo que a cena se esconde o véu de Adalil vela-lhe o rosto).

Nuelam está reclinada em uma otomana, a seu lado Agnara Kanellos, figura recortada de um friso grego que tem a beleza entre misteriosa e franca — um segrêdo dito a meia-voz — das mulheres do Levante. A um canto, Azyiadé medita o livro de um profeta. A outro, uma escrava, Fátima chamada, queima flores. Fora, ouvem-se os rebabs e o palavrear duma criança.

NUELAM — Quando pronunciei a palavra que a tua bôca ensinou a minha a dizer, alguma coisa vibrou em mim, como a corda duma harpa ferida por dedos esguios...

AGNARA — Sim. Esguios, rosados e longos eram seus dedos, os dedos daquele que o destino levou para longe... Desde então arrefeceu o meu colo... Era o seu coração que, pulsando, pulsando, mo aquecia.

NUELAM — Para que desejavas tê-lo nos teus braços? Para que querias sentir o teu peito arfando de encontro ao seu?

AGNARA — Não podes sabê-lo, Nuelam... E não deixes viver êsse desejo.

As nossas faces parecem um poente outonal, quando os seus dedos batem à nossa porta, mas quando o seu coração bate no nosso peito... parecem... sei lá...

NUELAM — Descobri, descobri. Tu amas um homem. Como o encontraste?

AGNARA — Vou contar-te, mas que o teu pensamento seja fechado e e silencioso como um túmulo. Que as minhas palavras morram logo ao saír dos meus lábios, que já cheguem agonizantes aos teus ouvidos.

(Subtilmente elevam-se os primeiros acordes. São saudosos como as palavras de Aguara. Embrandece-os a distância, como a distância no tempo embrandece a fala de Aguara. A música e a sua voz são como uma luz coada por um véu. Como lembranças que, com a evocação, vão revivendo, as bailadeiras surgem. A luz é tam dôce como o reflexo do luar sôbre as ondas.)

AGNARA — O Muahrem ensaiava as suas primeiras palavras, balbuciante, e ainda estava choroso. Minha avó descansava para sempre havia pouco. Meus pais levaram-me para o Cairo. Extasiava-me ao ver todos aqueles minaretes e cúpulas erguidos para o céu, azul como um esmalte que um mercador me dera. O vento levara consigo as poeiras do deserto. O mês foi crescendo e com êle o calor.

Deixa-me, deixa-me viver...

Certa tarde, fui ver a mesquita onde repousa o sultão Hassar. Ia andando descuidosamente. Na mão levava um leque com que me deliciava, fazendo a a aragem beijar o meu rosto. O meu coração estava silencioso como o Mocatam, que eu contemplava da minha janela. Nem um eco o despertara. Dormitava como os mendigos nos cemitérios, à noite, quando os chacais uivam ao luar.

NUELAM — Os árabes não têm medo aos mortos, dormem até junto dêles. Como se ainda estivessem moribundos, escutam-lhes o derradeiro mover dos lábios.

AGNARA — Eu também não tenho medo do meu coração... Entontecia-me o ruído das ruas movimentadas e as côres vivas dos turbantes, porque ainda pesava sôbre mim o eterno e esfingico silêncio do deserto e os meus olhos vinham de ver a sua côr morta e cínzea.

Velozmente, como uma andorinha voando rente ao chão, passou por mim uma escrava mais esbelta do que o minarete de Kail Bey. A' sua passagem caíu o meu leque. Então, um homem do Poente tomou-o em sua mão e gracilmente estendeu-mo, lentamente. Nossos olhos fitaram-se e nossos dedos tocaram-se. Apressou-se o meu coração. Ele seguiu os meus passos e eu, atentamente, escutava o ruído dos seus. Os seus lábios calaram segredos que os olhos, falando, atraiçoavam...

NUELAM — Falam os olhos dos ocidentais?

Muito queria entendê-los...

AGNARA — Não alimentes êsse desejo que êle pode perder-te. Um dia eu escutei a sua voz estranha. O túmulo dum Kalifa guarda o nosso segrêdo. Eu não entendia o que êle dizia, mas os seus olhos e o afago das suas mãos traduziam as suas palavras.

NUELAM — Como conseguiste falar-lhe? Podiam ver-te. Não tinhas receio? Alguma vez êle viu a tua feição?

AGNARA — As mulheres helénicas podem desvendar o segrêdo da sua beleza ao escolhido do seu coração. O fiel Mussa ficava de vigia. Era um servo amigo, vèlhinho, vèlhinho...

NUELAM — Já bebeu a água do Cawthar há muito tempo?

AGNARA — Sim, está com Deus há já dois anos.

A saüdade faz emudecer Agnara. Quando falamos a relembrar, cala-se a bôca e a alma cicia. A alma quere aquentar-se para criar alento. Aqueles que já cruzaram com muitas primaveras estão quedos e mudos, quando à lareira.

A lembrança é a lareira das almas saüdosas. Queimam-se flores para nos inebriar, assim queimam os bocados da nossa vida para, inebriados, a revivermos.

NUELAM — Como são lindas as tuas mãos!...

AGNARA (Erguendo as mãos em geitos de pitonisa).

Muitas vezes nelas bebeu... Era nas minhas mãos que nasciam os seus desejos, como as pérolas nascem nas conchas nacaradas e róseas. Já estiveram vestidas como raínhas... Quando a sua bôca as tocava, rebrilhavam tanto como os mantos reais... Certo dia beijou-me nos lábios, dizendo: Agnara, toma o meu coração. Em outro dia, beijando-me nos lábios murmurou: Agnara, Agnara, entre a minha alma e a tua está um deserto — a raça. Vamos vencê-lo ambos. Do alto de uma tôrre ouvimos uma voz bradar como um preságio. Julguei que êle fugia dos meus braços e êle julgou que eu me desprendia dos seus. Enlaçamo-nos mais, mas uma sombra quedou a nossos pés. Era meu pai. Ao lado o fiiel Mussa jazia prostrado. Perdera-o a sua amizade. Logo que nasci, seus olhos se acostumaram a ver-me. Os jardineiros querem mais às flores que viram nascer...

NUELAM — Que vos fêz a sombra, que vos fêz teu pai?

AGNARA — A sua sombra foi para mim a sombra de Ahasverus. Ao outro dia, um barco me levou para a India. E nunca mais parei...

NUELAM — Para sempre vos separaram?

(Continua).

PROPRIEDADES

COMPRA VENDA ALUGUER
COLOCAÇÃO DE CAPITAIS SÔBRE HIPOTECA
TRESPASSES COBRANÇAS PLANTAS
PROJECTOS ORÇAMENTOS REGISTOS

Seguros de propriedades nas melhores **Companhias Nacionais e Estrangeiras.**

Trata a «Secção Predial» do solicitador Arnaldo da Fonseca, rua de Santa Catarina, 108-2.º (esquina da rua Passos Manuel) Telefone 1006 — **Pôrto.**

CONDIÇÕES:

Venda de propriedades no Pôrto ou Província	1 % de comissão (incluíndo nesta o custo dos anúncios). Esta comissão é paga pelo vendedor.
Hipotecas.	2 % de comissão. Paga pelo hipotecado.
Aluguer de prédios	10 % de comissão, sôbre os dois primeiros meses de renda, paga pelo senhorio.
Cobranças diversas	8 % de comissão, sôbre as importâncias cobradas amigàvelmente, paga pelo crèdor.

Belezas Minhotas

Da margem direita do Cávado

Manhã silenciosa de verão, perfumada com o odor das flôres, intensa de sol ardente, horas a que os banhistas costumam partir para a praia de Suave-Mar, quando com alguns amigos, sentíamos com prazer, a acariciadora aragem marítima, os murmúrios tristonhos das águas cristalinas do Cávado, que plàcidamente se iam precipitar na água salgada, na extensa mancha verde-azul, que os olhos por mais sádios que sejam, não podem abarcar, tal é a sua amplitude, a sua beleza sem igual.

Além, muito ao pé, junto das sinuosas margens do Cávado, entre o aroma fortalecedor e confortante dos verdes pinheiros, cavaqueavamos animadamente, lançando de vez em quando os olhos sôbre a vila, risco branco de casas lavadas, que do lugar onde nos encontravamos, dista alguns bons metros. Ao longe, entre ondas de espuma côr de neve, sobressaía como que ressuscitando de um abismo, um frágil barco de pesca, de vela branca e costado azul. Seguíamos a conversa, ouvindo o marulhar das vagas pouco agitadas e viamos os barcos que com seus pescadores se entregavam à dura missão de pescar, faina de todas as horas e dias, e tam penosa!... Mais ao largo, na linha longínqua do horizonte, sulcava as águas um monstruoso vapor, que pelo seu todo era de passageiros, e pela rota seguida, alimentava-nos a ideia de aportar no Porto ou Lisboa. O costado rijo, ou de alumínio ou pintado de branco, reluzia refulgente à luz benfazeja do sol, espargindo raios luminosos nas rendilhadas ondas que ia cortando. Um pouco distante, ouviram-se horas. Eram onze. A larga chaminé expelia sofregamente imensas nuvens de negro fumo, que à medida que o transatlantico se deslocava, deixava uma faixa escura, quási a confundir-se com a água do mar, e prestes a desaparecer. O vapor continuava a deslizar mansamente sôbre a camada de água, e assim o fomos perdendo de vista, quem sabe se para agora, podermos contemplar outras manifestações da natureza, que nos nossos lados são ricas e exuberantes, cheias de vida, motivos para inumeras distracções. E reclinados comodamente entre pinheiros, sôbre dunas, a conversa amena e entusiastica, polongava-se, enquanto voltados para a terra, admiravamos o magestoso cabeço do monte do Faro, tam rico em caça, donde as vistas amplas e atraentes, dominam em grande extensão os quatro pontos cardiais. Um pouco mais pela terra dentro, lá vamos encontrar muito sòzinho, o monte da Franqueira, tam visitado e conhecido, quer pelos pic-nics lá realizados, quer pelas peregrinações de fiéis que a esta virgem concedem a mais piedosa fidelidade, elevando-se garbosamente a altitude apreciável, acima do nivel das águas do mar, que nos beija sempre com carinho, mormente na quadra festiva e florida do verão. Ao sul, a poucos quilómetros da Povoa de Varzim, sempre firme e guardador de velharias pomposas, ergue-se altaneiro, o monte de Laundos, onde no sopé rasteja a medo, o combóio. Completamente ao norte, em oposição situacionista, surge o famoso monte de Santa Luzia, a cinco mil metros de Viana, com o seu sumptuoso templo em construção. Daqui, do cimo dêste monte, quási em contacto com o céu, as vistas agradam aos mais exigentes, aos mais habituados às belezas como por exemplo da Suiça, etc. E quem se retiver por algumas horas e se desviar para a parte norte desta elevação, não me resta dúvida afirmar, que qualquer pessôa ficará verdadeiramente maravilhada com os panoramas belos e em tons diversos, que de lá nos é dado disfrutar, quer observando o mar quer observando a terra. E quem se colocar no pórtico do santuário, ou mesmo se erguer até à torre esguia do mesmo, ser-lhe-há dado da mesma maneira, divisar belas paisagens, com verdadeiras curiosidades antigas da cidade, e o rio serpeando as margens do Lima em zig-zag, onde os barcos característicos ou as jangadas, vão rio acima, labutando desde o amanhecer ao entardecer. O comboio, que corta a cidade, lá vai ponte fora, até se refugiar nos arvoredos frondosos de Darque. Mas em Espozende há mais belezas. O farol e o sinal sonoro, que são indubitàvelmente guardas preciosos à embocadura do Cávado, conservam-se sempre firmes nos seus postos, sempre prontos para prestarem seus auxílios, aos que pela vida dos seus, labutam horas e horas sôbre as ondas do mar, tantas vezes traiçoeiras. O velho castelo ou forte, onde actualmente está instalado o farol, não é de somenos importância e assinala por mais uma vez, o esforço inteiramente grandioso, dos bárbaros que pelo litoral passaram, e deixaram o seu valor bem vincado.

Na margem direita do Cávado, lá está a velha cidade de Aguas Celenas, hoje Fão, casario amontoado com a ponte que fôra construída em tempos atrazados, cortando transversalmente o rio, dando-nos um aspecto magnífico, eivado de côr enebriante e movimento que deslumbra, os que tiveram a felicidade de aqui nascerem e dos que por êste canteiro de belezas naturais passam, deixando-o com saüdade, porque levam sempre gratas recordações. O rio, mais ou menos em curvas caprichosas, alonga-se e estreita-se numa beleza encatadora, subindo sempre até à Barca do Lago, optimo lugar de repouso, que os passarinhos tam bem escolheram para soltarem os mais vivos e comovedores gorgeios. E o Cávado, na sua quietude que lhe é peculiar, farto em águas de puro cristal, assim se vai estendendo entre frondosos e apetecíveis salgueiros até Barcelos, cidade de encatos, velha testemunha de feitos valorosos. Belezas não faltam. Falta apenas engenho e arte para vo-las poder contar, tais quais elas se nos apresentam.

DOMINGOS GOMES.

---

comprometedor como o de qualquer assassino que aparece sempre em primeiro lugar a preguntar pela vítima.

O'dios, mentiras e virtudes .. malígnas — eis ao que se sintetisa o apoio do "Sporting„ ao "Vitória„ — sabido e certo que êste vem sendo vítima dos inaptos dirigentes da A. F. Braga, tão irritantes como afrontosos.

Mas, nada de sustos. Por enquanto é a única resposta destoante a ècoar no deserto.

ESPECTADOR.

Da Cidade

Mulher morta pelo combóio — O combóio descendente n.º 229 ao chegar ao apeadeiro Covas colheu uma pobre mulher de nome Ana Maria, 76 anos, que seguia pela linha e, por ser surda, não ouviu o combóio.

A mulher foi conduzida no mesmo combóio para a estação desta cidade e dali para o hospital onde faleceu pouco depois.

Feira anual — No próximo dia 15 realiza-se a feira anual de gado bovino, denominada do Santo Amaro, na freguesia de Mascotelos.

Reconstrução duma igreja — Tem tido o melhor acolhimento a subscrição aberta com o fim de custear as obras de reconstrução da igreja paroquial de S. Cristóvão de Selho que, como então noticiamos, foi destruída num grande incêndio na noite de 11 de Outubro do ano passado.

Cumprimentos de boas-festas — Dirigiram-nos cumprimentos de boas-festas, além de muitas outras pessoas que vieram pessoalmente à nossa redacção, o sr. dr. Francisco Nunes Correia, ilustre Magistrado, que nos dirige palavras gentilíssimas que muito agradecemos, actor Carlos Frias, Anibal José Veloso, de Lisboa, e o «Centro Literário Excelsior», de S. Paulo, Brasil.

O «Notícias de Guimarãis», agradece e a todos deseja um ano muito feliz.

O Toural — Brevemente continuará a publicação do interessante folhetim «O Toural», da autoria do nosso distinto colaborador sr. A. L. de Carvalho.

A Estrada da Corredoura — Do nosso prezado amigo, sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, recebemos mais uma carta, sôbre o caso da Estrada da Corredoura, a que o nosso jornal se tem referido largamente Como a mesma é bastante extensa, publicá-la-emos no próximo número.

Que aquele nosso amigo nos desculpe.

Ainda o falecimento do nosso antigo Administrador — Continuam vários colaboradores e amigos nossos a endereçar-nos cumprimentos de pezar pelo falecimento do nosso antigo e sempre lembrado administrador, sr. João Serafim, que a morte há duas semanas, veio roubar ao nosso convívio.

Afastado embora, por motivos de doença, desta casa, o saüdoso extinto fazia parte ainda do «Notícias de Guimarãis», que sempre o recordará como um dos seus maiores e mais leais amigos.

O nosso número do Natal — Vários colegas referiram-se ao nosso número de Natal em termos que muito nos sensibilizaram.

De entre muitos outros lemos e agradecemos as amáveis referências de «O Primeiro de Janeiro» (Diário de Guimarãis), e «O Comércio de Guimarãis».

Muitas outras pessoas nos felicitaram também pela apresentação daquele número.

A todos os nossos agradecimentos.

Festa de Caridade — Realizou-se, no dia de Reis, num dos salões do Asilo de Santa Estefânia, uma interessante festa de caridade a favor daquela tam simpática instituïção da nossa terra.

Discursou o director sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro e, em seguida, as internadas realizaram um acto de variedades que a assistência, numerosa e selecta, muito aplaudiu.

Foi uma festa encantadora não só pelo fim a que o seu produto se destinava, mas também porque decorreu com muito brilho e animação.

Parabéns aos seus promotores e os nossos agradecimentos pelo convite.

Pela polícia — Queixou-se à polícia Deolinda da Silva, solteira, tecedeira, do largo de Burgos, freguesia de S. Lourenço de Sande, dêste concelho, contra Sebastião Crespo, casado, garfeiro, da mesma freguesia, pelo facto de a ter insultado e agredido.

— O guarda n.º 95 conduziu, há dias, ao hospital da Misericórdia, Francisco da Silva, solteiro, de Santa Eulália de Fermentões, dêste concelho, que foi acometido de doença súbita na via pública.

Um concurso — Vai ser nomeado, por concurso, um novo médico para o hospital da Misericórdia. Consta-nos que, segundo determinações da lei, tem a preferência qualquer clínico que seja ou tenha sido, funcionário público.

Justas reclamações — Os moradores do Largo 13 de Fevereiro, vão reclamar, junto da 1.ª Discunscrição Industrial e da Câmara Municipal, contra a existência do depósito de petróleo naquele local, no qual se produziu há dias como noticiamos, um violento incêndio.

— Também os moradores do Largo do Trovador vão protestar junto da C. A. da Câmara contra a vedação que anda a ser feita naquele Largo, pelo de S. Francisco, a qual lhes é bastante prejudicial.

Teatro Afonso Henriques — A Câmara Municipal votou no seu orçamento ordinário a verba de 90 000 escudos para obras no teatro de D. Afonso Henriques, devendo as mesmas iniciar se brevemente.

Incêndio — Cêrca do meio dia de segunda-feira passada, manifestou-se um violentíssimo incêndio num armazém de petróleo e azeite, pertencente ao sr. José Ferreira, natural de Louzã, residente, há um mês, no Largo 13 de Fevereiro, desta cidade.

O armazem estava montado nas trazeiras do prédio habitado pelo sr. Ferreira e pertencente ao sr. Pedro Fernandes, carpinteiro, ardendo três talhas de petróleo, com a capacidade de 2.400 litros, três bidons de azeite, também com a mesma capacidade, dois carros de lenha, dois sacos de milho, pensão do gado, arreios do mesmo, e deterioraram-se, por completo, duas pipas de azeitona e algumas caixas de sabão.

Dado o sinal de alarme, compareceram, no local indicado, os nossos intrépidos bombeiros que estabeleceram, acto contínuo, o ataque, pelo lado do tribunal judicial, pela própria casa, e ainda pelos quintais das casas proximas, servindo-se, para tal fim, de três agulhetas, evitando assim, que o incêndio se comunicasse às velhas casas que circundam o armazém de azeite e petróleo e ao estabelecimento, onde estavam algumas pipas de aguardente.

Taxa Militar — Está em pagamento durante os mêses de Janeiro e Fevereiro a Taxa Militar, sob pena de relaxe.

Sociedade Martins Sarmento — Vai à praça brevemente, a obra de arrematação para a construção de alicerces duma nova fachada do edificio da Sociedade Martins Sarmento, lado do Mercado Municipal.

Brindes — Da acreditada firma portuense Antero & C.ª recebemos um importante calendário para o corrente ano.

— Também recebemos um lindíssimo calendário da Vacuum Oil Company, que nos foi entregue pelo agente desta Companhia e nosso amigo sr. Aristeu Pereira.

— Do sr. L. de Oliveira & C.ª recebemos igualmente um vistoso calendário para 1935.

A todos, os nossos agradecimentos.

Recenseamento Militar — Todos os mancebos que até 31 de Dezembro último completarem 16 e 19 anos são obrigados a participar, durante o mês de Janeiro, à Comissão do Recenseamento, que chegaram à idade de inscrição; igual participação devendo ser feita por seus pais ou tutores.

Os que não cumprirem essa formalidade serão multados, de 200$00 a 500$00.

Ficam pois esclarecidos todos os que disso necessitem.

Subsídios — Por motivo do sr. Ministro das Obras Públicas ter concedido, ùltimamente, uns avultados subsídios para este concelho, houve, no domingo e na passada sexta-feira, diversas manifestações de regosijo.

Combatentes da G. Guerra — Do govêrno civil do distrito baixou à administração dêste concelho uma circular pedindo uma relação dos combatentes da Grande Guerra residentes na área do concelho de Guimarãis, da qual constem nomes, idades, postos, locais e unidades onde serviram na zona de guerra em França, na Africa ou no mar e se são pensionistas do Estado ou inválidos da guerra e, possìvelmente, se podem angariar meios de subsistência, ocupação actual, encargos de família, etc.

Igualmente pede a nota dos falecimentos que forem ocorrendo, a fim de ser dada a respectiva baixa no cadastro dos combatentes, informando sempre a situação material em que ficam as pessoas de família que estavam a cargo do falecido.

O 50.º aniversário da Escola I. e C. — A direcção da Caixa Escolar da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda» de acordo com os ilustres directores e professorees do mesmo estabelecimento de ensino, resolveram comemorar, em data que oportunamente será designada, o 50.º aniversário da fundação da Escola.

Cantando os Reis — Cumprindo a velha tradição alguns grupos andaram a dar as boas festas, nos dias 5 e 6, cantando os «Reis».

Casamento — Na igreja do Sameiro, Braga, realizou-se, no penúltimo sábado, o enlace matrimonial no nosso particular amigo e presado conterrâneo, sr. dr. Faria Martins, ilustre Delegado do Procurador da República, na comarca de Moçambique, com a sr.ª D. Maria da Glória Fernandes Rodrigues, gentil sobrinha do antigo professor do Liceu de Braga, sr. Padre José Fernandes Rodrigues.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades.

Arrematação

(2.ª Publicação)

No dia 27 de Janeiro próximo, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação dos seguintes imóveis penhorados nos autos de execução hipotecária, em que é exeqüente José Pinto Teixeira de Abreu, viúvo, negociante, da Rua de Camões, desta cidade, e executados Antónia Pereira, viúva, e outro, os quais serão entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação: — *Bens a arrematar.* O direito e acção a onze vigéssimas partes de uma morada de casas sobradadas, com salas, quartos e lojas, sita na freguesia de S. João das Caldas, desta comarca, por 6.600$00.

O direito e acção a onze vigéssimas partes da propriedade denominada do Cruzeiro, composta de casas sobradadas com várias dependências, terreno de horta com árvores avidadas, ramada de ferro e arame e um tanque de pedra, por 3.850$00.

O direito e acção a onze vigéssimas partes da propriedada donominada do Bacêlo, situada no lugar do mesmo nome, na dita freguesia de Infias, a qual se compõe de casas térreas e telhadas com terreno de horta, ramadas e árvores de vinho. por 3.85 $00.

O direito e acção a onze vigéssimas partes da propriedade denominada de Vila-Flôr ou Belêda, situada no lugar do mesmo nome, da referida freguesia de Infias, composta de casas térreas, sobradadas e telhadas, com terras de horta, ramadas de ferro e arame, e árvores avidadas e um tanque de pedra com água de bica, por 8.800$00.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos dos executados para assistirem à praça e nela deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarãis, 22 de Dezembro de 1934.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, substituto,
João Aires.

O Chefe int.º da 1.ª Secção,
Fortunato Fernandes da Silva.

Assinai o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

João Neto
Advogado

Residência: Av. M. Bombarda, 54 (Junto á Estação do C. F.)
Escritório: Toural, 116 (Junto ao Dr. José de Oliveira)
Telefone 58
Guimarãis

FALECIMENTOS

Faleceu, em avançada idade, a sr.ª D. Francisca Rosa da Silva (Anacleta) antiga modista, mãi da sr.ª D. Beatriz da Silva Martins e irmã da espôsa do sr. Francisco José Fernandes.

O funeral realizou-se na segunda-feira, na capela da V. O. T. de S. Francisco.

— Também faleceu em S. Gemil, Taipas, a sr.ª D. Maria Augusta Cândida Ferreira, irmã do comerciante portuense sr. José Augusto Ferreira Vieira.

O seu funeral realizou-se na Capela do Cemitério Municipal.

— Na casa do Covelo, Pevidém, finou-se, com 89 anos de idade, a sr.ª D. Ana Maria da Costa e Cunha, mãi do Rv.º D. Guilherme da Cunha Guimarãis, venerando Bispo de Angra do Heroísmo, e dos srs. Avelino, António e Augusto da Cunha Guimarãis.

O Fuueral realiza-se, hoje, às 10 horas, no Pevidém.

— Também falecen, em Vila Nova de Sande, Taipas, a espôsa do sr. Arnaldo Monteiro B. Araújo.

A's famílias enlutadas apresentamos condolências bem sentidas.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Recolheu a uma casa de Saúde, do Pôrto, a espôsa do nosso amigo sr. Joaquim de Sousa Dias.

— Encontra-se doente o nosso amigo e tesoureiro da C. G. D. sr. António de Jesus Teixeira.

— Regressou da Beira, Africa Oriental, o nosso amigo sr. José Pereira Guimarãis.

— Também regressou de Lisboa o nosso amigo sr. António Azevedo digno director da E. I. e Comercial desta cidade.

— Regressaram a Celorico de Basto, e a Viana do Castelo, respectivamente, os nossos amigos, srs. Alvaro Penafort e Amadeu Almeida.

— Adoeceu o sr. Joaquim Penafort da Silva.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Luis Gonzaga Pereira.

— Cumprimentamos nesta cidade os nossos amigos srs. Guilherme de Menezes e João Baptista Soares Nogueira, de Pico de Regalados.

— Partiu para o Pôrto, com sua espôsa, o nosso amigo sr. José da Mota Freitas.

— Acentuam-se as melhoras do sr. P.e Alfredo Correia.

— Seguiu para Viana do Castelo, a assumir as funções de Delegado do Procurador da República, o nosso amigo sr. dr. Jerónimo Rocha.

— Regressou da Beira Alta, com sua espôsa, o nosso amigo e distinto colaborador sr. A. L. de Carvalho.

— Partiu para Traz-os-Montes o nosso prezado amigo e camarada sr. Freire Pires.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. José Maria Félix Pereira.

— Fixou residência no Pôrto o nosso bom amigo sr. Joaquim Mendes Guimarãis.

CAMISARIA MARTINS

ACABA DE RECEBER DOS PRINCIPAIS CENTROS DA MODA, E A PREÇOS DE VERDADEIRO RÈCLAME, UMA FORMIDÁVEL COLECÇÃO DE

GRAVATAS

GATO

Desapareceu um, pequeno, côr cinzenta, que dá pelo nome de Marquês.

Pede-se, a quem o retiver, a fineza de o entregar na Rua de Gil Vicente n.º 12.

OS NOSSOS AMIGOS

Por lapso dissemos, no número passado, que pediu a assinatura do nosso jornal o sr. P.e Acursio das Neves Saraiva, quando deviamos dizer apenas sr. Acursio das Neves Saraiva.

Que nos seja perdoado este lapso.

— Pediram a assinatura do «N. de G.» os srs. Joaquim Mendes Guimarãis, actualmente com residência no Pôrto, e João Baptista Soares Nogueira, de Gomide.

— Veio à nossa redacção pagar a sua assinatura o sr. Francisco José Ribeiro, desta cidade.

— Enviou-nos, também, a importância da sua assinatura o sr. Abílio de Miranda, residente em França.

A todos os nossos agradecimentos.

CASA

Vende-se uma, em bom estado e bem situada.

Informa-se na redacção dêste jornal.

CALÇADO

AGASALHO

o maior sortido aos melhores preços

SÓ NA CAMISARIA MARTINS

Visado pela Comissão de Censura.

Ano 3.º — N.º 154 O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO 13 de Janeiro - 1935

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

EDITAL

DR. AMÉRICO DE OLIVEIRA DURÃO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenceador Eleitoral do Concelho de **Guimarãis.**

FAÇO SABER, nos termos e para os efeitos do n.º 1.º do Art.º 8.º do Decreto-lei n.º 23.406, de 27 de Dezembro de 1933, que no próximo dia 2 de Janeiro têm inicio as operações para organização do recenseamento politico do próximo ano.

Assim, pelo presente, convido os indivíduos de ambos os sexos e corporações morais e económicas com a capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto, a inscreverem-se como eleitores, desde 2 de Janeiro a 15 de Março.

Para a inscrição deve-se ter em vista os seguintes preceitos:

1.º — São eleitores de Juntas de Freguesia os indivíduos de ambos os sexos com responsabilidades de Chefes de Família, domiciliados na freguesia há mais de 6 meses, ou nesta exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA — Para os efeitos de recenseamento consideram-se Chefes de Família:

I — Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família legitimamente constituída, se não tiverem comunhão de mesa e habitação com a família dos seus parentes até ao terceiro grau da linha recta ou colateral, por consangüinidade ou afinidade;

a) São tido como chefes para o exercício do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte de prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.

II — As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens e as solteiras, maiores ou emancipadas, com família própria e reconhecida idoneidade moral, bem como as casadas cujos maridos estejam exercendo a sua actividade nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não estiverem abrangidas na última parte do número anterior;

III — Os cidadãos do sexo masculino, maiores ou emancipados, sem família, mas com mesa, habitação e lar próprio, e os que, embora estando em hotel ou pensão, vivam inteiramente sôbre si;

a) Para a inscrição no recenseamento dos eleitores de Juntas de Freguesia, basta a apresentação de qualquer elemento de prova de que são chefes de família, nas condições dos números I, II e III.

2.º — São eleitores das Câmaras Municipais:

I — As Juntas de freguesia;

II — As corporações morais e económicas, com sede no concelho, que funcionando legalmente exibam os competentes alvarás ou portarias ou citem o Diário do Govêrno que publicasse qualquer desses diplomas;

III — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição;

IV — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, a quantia não inferior a 100$00 por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuïção predial, contribuïção industrial, imposto profissional, imposto sôbre a aplicação de capitais.

NOTA — A qualidade de contribuínte prova-se pela inclusão no mapa enviado das Repartições de Finanças ou pela exibição dos conhecimentos que a comissão eleitoral da freguesia averbará no processo ou verbete do interessado.

V — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com curso especial, secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA — Estas habilitações provam-se pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva perante a comissão referida.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) Pela exibição do diploma de qualquer exame público feita perante a citada comissão;

b) Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com conhecimento notarial da letra e assinatura;

c) Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão aludida ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o sêlo branco ou a tinta de óleo da Junta;

NOTA — A inclusão dos indivíduos nas relações dos chefes das repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarizados, com indicação de saberem ler e escrever é prova bastante para efeitos de recenseamento.

3.º — São eleitores dos concelhos de Província:

I — As Câmaras Municipais.

II — As Corporações morais e Económicas.

4.º — São eleitores da assembleia nacional e do Presidente da República, os indivíduos de ambos os sexos que forem inscritos como eleitores das Câmaras Municipais.

5.º — Não podem ser inscritos:

I — Os que receberem algum subsídio da assistência pública ou da beneficência particular e especialmente os que estenderem a mão à caridade;

II — Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

III — Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não rehabilitados e, em geral, todos os que não estiverem no gôzo dos seus direitos civis e políticos;

IV — Os notòriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

6.º — As relações dos eleitores a inscrever são organizadas pelas comissões eleitorais das freguesias, compostas pelo Regedor, Presidente da Junta e por um delegado do Administrador do Concelho, e é perante elas que os indivíduos devem fazer a sua inscrição.

7.º — Até 10 de Abril, os cidadãos e os representantes das corporações podem verificar em cada concelho ou bairro se vão incluídos nas relações referidas no número anterior e reclamar, perante a respectiva comissão do concelho do recenseamento, a sua inscrição como eleitores.

NOTA — Para efeitos de reclamação, os interessados, de 11 a 15 de Maio, podem examinar as cópias dos recenseamentos originais afixados à porta da Secretaria da Câmara Municipal.

As reclamações, que não podem dizer respeito a mais do que um cidadão ou corporação, serão interpostas para os auditores administrativos até ao dia 20 de Maio e terão por objecto:

a) Eliminação do recenseamento dos cidadãos ou corporações indevidamente inscritos;

b) Inscrição dos cidadãos ou corporações que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficiosamente, deixaram de o ser.

8.º — Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações serão obrigatória e gratuïtamente passados em papel sem sêlo, dentro dos prazos marcados no presente Decreto-lei, mediante pedido verbal dos próprios interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos nas penalidades correspondentes ao crime de desobediência qualificada.

9.º — Em tudo que não fôr expressamente regulado no citado Decreto-lei, vigorará, na parte aplicável, a legislação vigente.

Na Secretaria da Câmara Municipal e nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam as Comissões Eleitorais, dão-se os esclarecimentos necessários e, para geral conhecimento, público o presente edital, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 27 de Dezembro de 1934

AMÉRICO DE OLIVEIRA DURÃO

MODÊLO PARA O REQUERIMENTO

(Em papel comum)

F ... (estado), de ... anos de idade, ... (profissão) residente em ..., freguesia de ... dêste concelho, **Residindo na mesma freguesia há mais de seis meses como prova com atestado do Regedor que junta ou residente na mesma freguesia desde 2 de Janeiro dêste ano** *(se fôr funcionário) requer a sua inscrição no recenseamento para a eleição de ... (Junta de Freguesia ou Câmara Municipal) com o fundamento de ... o que tudo prova com os documentos que* **junta ou exibe.**

Data, assinatura e autenticação pela comissão recenseadora ou por algum dos seus nembros quando o requerimento tenha sido escrito, lido e assinado pelo prório, perante êste ou aquela. Quando a prova de saber ler e escrever seja feita por meio de requerimento autenticado por notário, deve o reconhecimento abranger a letra e assinatura.

NOTAS — Documentos necessários: — certidão de idade ou bilhete de identidade, diploma de qualquer ensino público e atestado de residência.

Este edital deve ser publicado uma vez, em dois jornais do concelho, havendo-os.

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS"

Ex.mo Sr.

Luiz da Cruz Câmara

GUIMARÃES